



ALUNO SURDO INCLUÍDO NA SALA DE AULA REGULAR: QUE PERCEPÇÕES E REFLEXÕES APONTAM OS PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA?

DEAF STUDENT INCLUDED IN A REGULAR CLASSROOM: WHAT ARE THE PERCEPTIONS AND REFLECTIONS OF MATHEMATICS TEACHER?

Joseli Alves da Silva¹
Claudia Segadas-Vianna²

Resumo

A surdez em sala de aula é uma condição que traz novos desafios à atividade docente. Este artigo apresenta um estudo ligado a uma pesquisa de Mestrado no Ensino de Matemática, cujo foco foi conhecer, dos professores que ensinam Matemática, quais são suas percepções e reflexões em relação ao aluno surdo incluído em sala de aula regular. O instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado a 55 professores. A pesquisa buscou conhecer as inquietações trazidas por esses professores para atender os alunos surdos e as complexidades encontradas para que estruturassem um planejamento com recursos pedagógicos adequados. Os resultados apontaram que os professores não tiveram uma formação inicial e nem continuada a respeito das especificidades que envolvem a temática da surdez. Conclui-se que há a necessidade de integrar a Educação Inclusiva nos currículos de formação de professor e de investir em pesquisas e em políticas públicas específicas para isso.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Surdez. Ensino de Matemática.

Abstract

Deafness in classroom is a condition that brings new challenges to teaching activity. This paper presents a study linked to a Master's Degree in Mathematics Teaching, which focus was to know, from teachers who teach Mathematics, their perceptions and reflections regarding the deaf student included in regular class. Data was collected through a questionnaire distributed to 55 teachers. The research aimed to know any concerns the teachers brought to attend deaf students and the complexities they met to structure a plan with adequate pedagogical resources. Results indicated that the teachers did not have an initial or continuous training regarding the specificity that surrounds the theme of deafness. We conclude that there is a need to integrate Inclusive Education into teacher training curricula and to invest into research and public policy.

Keywords: Inclusion Education. Deafness. Mathematics Teaching.

¹ Mestre em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Regente da disciplina de Matemática pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Professora Regente de Educação Infantil pela Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu-RJ (SEMED). E-mail: josyasilva06@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação Matemática pela Universidade de Londres. Professora Associada do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Projeto Fundação/Setor Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: claudia@im.ufrj.br.

Introdução

Esse artigo faz parte de uma pesquisa de Mestrado no Ensino de Matemática (SILVA, 2018), cujos objetivos são: conhecer como os professores se posicionam frente à inclusão de alunos surdos; verificar suas opiniões quanto aos aspectos que consideram importantes para a inserção desses alunos; como se sentem profissionalmente para ensiná-los; e o que consideram pertinente para a aprendizagem matemática.

A pesquisa aborda três aspectos: os relativos ao uso de recursos pedagógicos, à metodologia de ensino e às formas de avaliação do desenvolvimento matemático de alunos surdos na escola regular. Neste artigo, destacaremos as percepções e reflexões dos professores quanto aos recursos pedagógicos e à metodologia de ensino.

O presente trabalho surgiu de uma inquietação da primeira autora, após ter presenciado uma inserção de um aluno surdo em uma sala de aula regular. Na ocasião, o professor regente não soube como conduzir o trabalho com aquele aluno. Havia um profissional, o intérprete da Língua Brasileira de Sinais, que assumiu toda a responsabilidade em ensinar o aluno. A partir de então, ainda sem caráter de pesquisa, a autora passou a buscar informação sobre a temática da surdez, iniciando um curso de Libras básico na igreja, mas ainda evitando o contato com pessoas surdas por receio de não saber comunicar-se com elas.

A partir dessa experiência, percebeu-se a necessidade de pesquisar, oficialmente, a respeito do assunto. Essa inquietação foi o ponto de partida para investigar como os professores que ensinam Matemática têm procedido com os alunos surdos incluídos nas escolas regulares e, em especial, saber a formação desses professores, quais as suas percepções e que estratégias didáticas adotam nesse contexto inclusivo.

Do ponto de vista do professor, a pesquisa visou analisar a inserção do aluno surdo no espaço da sala de aula regular, pois os professores deixam a universidade sentindo-se impotentes e inseguros; surgem vários questionamentos desde a identificação de quem são os sujeitos surdos até a forma como proceder em sala de aula. Vale ressaltar que a contribuição científica desta pesquisa, com preocupação política, apresentou uma relação direta com a efetiva inclusão de alunos surdos.

Revisão bibliográfica

A inclusão traz em si a transformação do espaço escolar; para isso, é necessário realizar alterações nas concepções das propostas educacionais. Braz (2014) cita, por exemplo, a possível necessidade de reestruturar a instituição que receberá o aluno e a valorização premente da formação de professores para lidar com o aluno incluído. O professor é peça fundamental nesse cenário. Estudos nessa área – como os relatados a seguir – mostram o quanto é urgente investir na formação do profissional para que ele possa trabalhar mais efetivamente com o aluno incluído em geral, e com o aluno surdo em particular.

Na busca por conhecer as opiniões dos professores sobre a temática da deficiência, Moreira (2012), em seu trabalho intitulado “Representações sociais de professoras e professores que ensinam Matemática sobre o fenômeno da deficiência”, reporta que coletou dados com 65 professores de quatro escolas públicas de São Paulo. A partir de três situações simuladas, buscou saber as opiniões dos participantes sobre a temática da deficiência. O trabalho revela o quanto é importante que professoras e professores, dessa área, percebam a relevância de se utilizar metodologias que contribuam para o desenvolvimento do aluno com deficiências. Dentre os resultados obtidos, destaca-se investir na formação de professores para que tenhamos profissionais mais bem preparados no que tange à temática da Educação Especial.

Camisão (2004) também realizou um estudo no qual investigou a opinião de professores para saber como se posicionavam frente à inclusão. No total, foram 299 professores, do 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, que trabalhavam com alunos com Dificuldades de Aprendizagem e/ou Problemas Comportamentais. A autora aponta que os professores eram favoráveis à inclusão educacional, mas nem todos concordavam que os alunos ficassem somente na sala de aula; a maioria se sentia despreparada, sendo indispensável o apoio da Educação Especial, pois dispunham, na percepção dos professores, de melhores estratégias para lidar com a aprendizagem desse aluno.

Os professores pesquisados reconhecem, ainda, que deve haver cooperação entre os professores da sala de apoio e da sala regular – por meio da elaboração em conjunto de programas educativos para serem partilhados entre esses dois profissionais –, em benefício da aprendizagem do aluno (CAMISÃO, 2004).

O desconforto que cerca os professores que não sabem como se portar diante de seus alunos em uma sala de aula inclusiva também aparece nos trabalhos de Morgado (2013), que atribui esse despreparo às suas formações. Em seus estudos, as reflexões e as discussões sobre

a temática da deficiência, realizadas com quatro professoras que atuavam na rede regular de ensino, com alunos incluídos em suas salas de aula, geraram atividades para ensinar Matemática. A partir disso, foram planejadas e executadas oficinas com atividades para os professores interessados nas escolas em que lecionavam. O trabalho realizado influenciou positivamente nas práticas pedagógicas no ensino da Matemática, conforme foi percebido pelas próprias professoras.

Um trabalho de vulto realizado com foco na inclusão foi desenvolvido no projeto “Desafios para a Educação Inclusiva, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP): pensando a formação de professores sobre os processos de domínio da Matemática nas séries iniciais da Educação Básica”, coordenado por Ana Lúcia Manrique e divulgado em obras organizadas pela pesquisadora (MANRIQUE, 2010, 2012).

O projeto gerou seis estudos, entre eles o de Moreira (2012), já citado. Todos têm em comum o foco na temática da inclusão, mas apresentam desenvolvimentos variados, que vão desde a formação de professores até a relação entre os professores da sala regular e da sala de recursos e desenvolvimento de recursos tecnológicos para alunos com deficiência. Até mesmo um projeto conjunto com a Universidade do Minho, em Portugal, foi realizado, a partir de um questionário aplicado a professores que ensinam Matemática em escolas públicas de São Paulo (197 professores) e em Portugal (106 professores), cujo objetivo foi identificar as percepções de professores que ensinam Matemática a alunos com deficiência.

Os resultados indicam que falta informação de como lidar com alunos incluídos para a maioria desses profissionais; os professores atribuem essa lacuna à sua formação inicial e continuada. Reclamam ainda da falta de recursos nas escolas e das dificuldades em trabalhar com alunos deficientes. No entanto, mostram-se favoráveis à inclusão de alunos com deficiências leves e moderadas, e acreditam que o trabalho pode ser benéfico não somente para os alunos incluídos, mas também para os demais.

A inclusão perpassa pela capacidade de comunicação entre professor-aluno e aluno-aluno. Embora a Libras não seja uma língua nova, seu reconhecimento data de 24 de abril de 2002, quando foi promulgada a Lei de Libras (BRASIL, 2002). Nos cenários educacionais inclusivos, podemos dizer que ainda é recente.

Em 22 de dezembro de 2005, o Decreto nº 5626 (BRASIL, 2005) regulamenta a lei que torna obrigatório o ensino de Libras em todos os cursos de licenciatura, o que pode, ao menos, sensibilizar os professores no que se refere aos processos de aquisição de informação e de comunicação pelos surdos. A importância da inclusão de Libras pode ser percebida na pesquisa

de Iachinski et al. (2019), que foi realizada com discentes de licenciatura, em que estes reportaram que a disciplina foi importante para que conhecessem ou ampliassem seus conhecimentos acerca de aspectos referentes à cultura surda e à língua de sinais.

Uma vez que a maioria dos professores não tem conhecimento da língua de sinais, Lima (2013) destaca a importância da atuação do intérprete na função de mediar a comunicação, mas sem assumir o papel de conduzir o processo de aprendizagem. O autor também se manifesta favorável que o professor se utilize de métodos que contribuam para despertar, no aluno, o interesse pela aquisição de conteúdo, e repensem os instrumentos avaliativos usados para os surdos.

Borges e Nogueira (2016) e Pinto (2018) concordam com Lima (2013) quanto à participação do intérprete em sala de aula, mostrando que lhe é atribuído, por vezes, uma dupla função: a de interpretar e a de ensinar. Por conta de esse profissional conhecer a língua de sinais e os aspectos relacionados à cultura surda, acaba que se torna uma referência para o surdo, que a ele irá se reportar, inclusive, para tirar dúvidas. Entretanto, o intérprete, por sua formação, nem sempre detém conhecimento dos conteúdos da disciplina que irá mediar, o que o leva, por vezes, a interpretações equivocadas. Um diálogo com o professor fora da sala de aula poderia auxiliar o intérprete a ter uma melhor visão dos conteúdos abordados nas aulas. Os autores reiteram o fato de que cabe ao professor a tarefa de ensinar e destacam a importância de uma formação inicial e continuada que contemple aspectos relacionados à inclusão escolar.

Os estudos mencionados apontam que o professor deve aprender, por meio de uma formação adequada, a lidar com a inclusão do aluno em sala de aula, que é um dos principais obstáculos enfrentados por esse profissional. Algumas das pesquisas citadas indicam até que os professores, em seus discursos, afirmam serem favoráveis à inclusão. Entretanto, será essa uma afirmação que se esvazia na teoria, ou tenta se realizar concretamente na prática? Dar voz ao professor para que se posicione em relação à Educação Inclusiva, quanto à aceitação dos alunos incluídos e que estratégias utilizam, são assuntos diretamente conectados com a nossa pesquisa, sendo urgente aprofundá-los.

Perfil dos participantes e aspectos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida por meio de um questionário aplicado a professores de escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares que ensinam Matemática no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e que tiveram, em sala de aula, alunos

surdos incluídos. Foram contatados 55 professores dos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Rio de Janeiro. Os fatores de escolha dos municípios foram a proximidade do local de trabalho ou de moradia de uma das autoras e, ainda, o conhecimento de escolas com alunos surdos incluídos. Preferimos, inicialmente, aplicar o questionário presencialmente, para que houvesse um contato aproximado com o respondente e uma percepção do ambiente escolar no qual os alunos surdos estão inseridos; porém, no decorrer da coleta, realizamos contato também via e-mail para que a nossa amostra envolvesse em torno de 50 professores.

Nossos respondentes foram 33 professores do sexo masculino e 22 do feminino. Em relação à faixa etária, a maior parte variou entre 31 a 50 anos. Quanto ao tempo de experiência em docência, 36 professores relataram ter mais de 10 anos de atuação. Este último dado mostra que os professores possuem um tempo expressivo em sala de aula. A maior parte, 49, possui formação na área da Matemática; apenas quatro têm formação em outra área e dois são bacharéis. A maioria atua, concomitantemente, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos. A rede de ensino com a maior concentração foi a estadual, seguida da municipal, totalizando 53 professores. Um professor não respondeu em que rede trabalha e um outro está aposentado.

O questionário foi inspirado em uma pesquisa conjunta do Instituto de Educação/Centro de Investigação em Educação da Universidade de Minho (Portugal), e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vinculado ao projeto “Desafios para a Educação Inclusiva”, sob a coordenação geral da Prof. Dra. Ana Lúcia Manrique (2010). No seu trabalho, a pesquisadora busca compreender a percepção dos professores que ensinam Matemática na Educação Básica sobre a inclusão de alunos com deficiência.

O questionário foi composto de três partes. Na parte I, obtivemos um panorama geral de quem foi o professor participante, sua identidade profissional; a parte II visou obter informações sobre o contato do professor com a Educação Especial, sua percepção sobre a inserção de alunos surdos; na parte III, buscou-se saber como o professor foi informado da presença de um aluno surdo em sua sala de aula, quais as suas percepções em relação à inclusão de alunos surdos e suas reflexões acerca de como lidar com surdos incluídos. As questões foram estruturadas tendo em mente três focos relevantes para o nosso trabalho: os relativos ao uso de recursos pedagógicos, à metodologia de ensino e às formas de avaliação do desenvolvimento matemático de alunos surdos na escola regular.

Para análise, realizou-se uma exploração geral dos dados, observando-se os aspectos comuns das respostas e, em seguida, eles foram sendo organizados em planilhas, o que nos propiciou, em relação às questões fechadas, quantificar as respostas e elaborar as tabelas e os gráficos. Foi possível traçar o perfil dos respondentes quanto à sua identidade; em qual modalidade de ensino atuam; e seu maior grau de instrução, a fim de traçar um panorama que identificasse nosso professor.

Quanto às questões abertas, em um primeiro momento, procurou-se criar várias categorias e só depois reagrupá-las. Este foi um momento de dificuldade no que diz respeito ao refinamento das categorias. A categoria “Outros” foi criada para tipos de resposta cujo número era pouco para formar alguma categoria, e que, pelo conteúdo, não deveriam ter destaque à parte para o foco desta pesquisa.

Resultados e discussão

Os resultados indicaram que dos 55 professores respondentes, 47 apontaram ser benéfica, para a sua prática, a inserção dos alunos surdos. A presença dos alunos surdos não atrapalha os alunos ouvintes, segundo 49 professores. Para 51 professores, utilizar recursos didáticos facilita a atuação do professor em sala de aula.

Uma informação que chamou nossa atenção foi que a atuação do professor, ainda hoje, é vista como um trabalho isolado pela equipe pedagógica e administrativa, que não merece ser previamente planejado, pois cerca de 47% dos 55 professores não foram informados, previamente, sobre o aluno surdo em sala de aula, tomando conhecimento disso somente no momento em que o aluno entrou em sala; enquanto que 45% foram avisados previamente.

Esse resultado demonstra o quanto ainda se precisa caminhar em favor da inserção desses alunos, tendo em vista que o professor, embora figura-chave, depende do trabalho em equipe para que a inserção caminhe na direção do aluno. A falta de diálogo entre os envolvidos na educação de surdos prejudica o trabalho desse profissional em sala de aula, pois uma informação antecipada possibilitaria melhor desempenho no seu trabalho.

A maior parte dos 55 respondentes, ou seja, cerca de 76% responderam afirmativamente à questão, “Você teve alguma dificuldade neste trabalho? Em caso afirmativo, qual e por que teve esta dificuldade?” o que revela dificuldades para trabalhar com o aluno surdo incluído, conforme pode-se verificar na Tabela 1. Todas as respostas foram classificadas em categorias,

em função da referência feita à comunicação, ao preparo do professor, às estratégias e aos materiais:

Quadro 1 – Distribuição de categorias de justificativas às respostas afirmativas

Categorias	Nº de professores
Comunicação	27
Preparo do professor	10
Estratégias e Materiais	5
Total	42

Fonte: Resultado da pesquisa realizada 2018.

A comunicação foi apontada como a principal barreira para 27 (64%) professores, que externaram seus sentimentos de frustração devido à falta de comunicação. O despreparo também foi apontado como um obstáculo a ser enfrentado e, por último, manifestaram suas inquietações quanto às dificuldades relacionadas ao uso de estratégias e aos materiais.

Na questão que se seguiu, perguntávamos: “Como foi seu trabalho em sala de aula com o aluno surdo?” Embora não se tenha questionado se o trabalho foi bom ou ruim, os professores mencionam, em suas respostas, a qualidade do trabalho com seus alunos, se foi proveitosa ou não. Dividimos as respostas em dois grupos: um grupo, composto por 31 professores, respondeu de acordo com o modo como classificavam a qualidade do seu trabalho com os alunos surdos. Outro grupo, com 24 professores, mencionou os recursos utilizados. O primeiro grupo de respostas está representado na Tabela 2 a seguir:

Quadro 2 – Distribuição de grupos das respostas quanto ao trabalho do professor em sala de aula

Respostas	Nº de professores
Proveitoso	15
Difícil	8
Não foi possível classificar	8
Total	31

Fonte: Resultado da pesquisa realizada 2018.

Trazemos aqui uma das respostas citadas, na categoria “Proveitoso”, pois exemplifica uma ação da professora empenhada para que seu ensino atingisse a aluna e, por outro lado, o desejo dessa aluna de estar incluída, realizando as mesmas atividades que os demais alunos:

Como toda professora competente, busquei na internet atividades matemáticas para surdos. Na aula seguinte, as entreguei para a estudante. Ela olhou a folha e os demais estudantes, me olhou no fundo dos olhos e... rasgou as atividades que a professora competente as havia entregue. Pegou seu caderno, apontando para a lousa e para os demais estudantes, fazia um sinal com dois dedos de uma das mãos, balançando-os. Em seguida, sentou-se e começou a chorar [...]. Eu, assustada com a atitude, fiquei sem ação. Busquei na DE³ de minha cidade, as compreensões. Fui informada que o sinal era igual, em Libras. Ou seja, a estudante queria as mesmas atividades dos demais, igual... igual, e não as de internet. Entendi o verdadeiro significado da Educação Inclusiva. Iniciei os estudos em Libras, aprendi a falar: calma. Explicava o conteúdo matemático aos demais, calma... abria os livros com os sinais em Libras, indicava as palavras [...]. Ela me ensinava Libras; eu a ensinava Matemática. Uma bela troca dialógica.

As respostas ao segundo grupo estão apresentadas na Tabela 3 a seguir:

Quadro 3 – Distribuição de categoria das respostas de acordo com o tipo de recurso utilizado pelo professor

Recurso mencionado	Nº de Professores
Intérprete	12
Estratégias e Materiais	7
Leitura labial e menção a Libras	3
Outros	2
Total	24

Fonte: Resultado da pesquisa realizada 2018.

Para a inclusão dos alunos surdos nas salas de aula regulares, os professores especificam aspectos que consideram essenciais: metade deles considera a atuação do intérprete como articulador para que o trabalho seja bem desenvolvido; outros referem-se a recursos como a leitura labial, uso da língua de sinais e de aplicativos de Libras, bem como empregar metodologias e materiais diferenciados para atender esse público.

Uma vez que o uso intensificado do canal visual pode ser um aliado na educação desse aluno, buscou-se saber as opiniões dos professores acerca das necessidades, como apoio e recursos, quando trabalham com os alunos surdos na questão: “A presença de aluno surdo fez com que se utilizasse em sala de aula materiais didáticos? Em caso afirmativo, quais?”

Considerar o uso de materiais didáticos em sala de aula com a inserção de alunos surdos é uma questão que trouxe divergência na opinião dos professores, pois 20 responderam sim, isto é, usam algum tipo de material, enquanto 32 professores disseram não, e os demais foram classificados como “Outros” pelo teor das respostas. Os que mencionaram utilizar materiais

³ Diretoria de Ensino

citaram como exemplos: material dourado, recortes de cartolina, maquete de balança, livros e vídeos, entre outros. Dos recursos apresentados, nos chamou a atenção a citação de um professor quando menciona a utilização obrigatória de livros e vídeos. Para o surdo, em se tratando do livro didático, é preciso ter cuidado, pois muitos apresentam dificuldades com a língua portuguesa que, no caso do Brasil, é a segunda língua para eles na modalidade escrita.

O uso de materiais didáticos implica no conhecimento destes e na forma de se utilizá-los. Manrique (2014) mostra como um dos resultados dos estudos realizados no âmbito do Projeto “Desafios para a educação inclusiva: pensando a formação de professores sobre os processos de domínio da matemática nas séries iniciais da educação básica” (MANRIQUE et al. 2010) que há professores de matemática que desconhecem materiais como o ábaco, o tangram, o geoplano e outros. A autora aponta a necessidade de formações que incluam o uso de materiais para todos os alunos. No questionário por nós aplicado, o fato de vários professores terem mencionado que não utilizaram materiais, pode ter como razão o desconhecimento de tais meios.

Ainda com referência à mesma questão, uma professora não fez menção a qualquer recurso em especial, mas se vê claramente, pela sua fala, que sua concepção está fundamentada no fato de que a surdez pode ser corrigida, uma visão clínica - patológica, em que, para seguir a cultura da padronização, seriam necessários recursos ou intervenções cirúrgicas para tornar os surdos como os ouvintes. Para essa professora, essa ação foi a saída encontrada para que sua aluna fosse integrada ao grupo, mas, como ela mesma afirma, o processo de adaptação é longo, deixando a aluna na mesma situação de prejuízo quanto ao aprendizado:

*Recorremos ao auxílio médico, mas não cheguei a usufruir do resultado.
[...] Ela ainda estava tentando adaptar-se ao aparelho quando terminou o ano letivo e eu me aposentei. Tenho a impressão de que ela passou pelo Ensino Fundamental sem aprender sequer o vocabulário.*

Os conceitos do professor quanto à temática da surdez, ligada ao desconhecimento das singularidades linguísticas dos surdos, nos aponta a necessidade de uma formação mais profunda, que possa dar ao professor a possibilidade de utilizar-se de estratégias articuladas ao preparar suas aulas. A narrativa dos respondentes corrobora a necessidade exposta por autores como Braz (2014), que aponta a necessidade de se promover cursos de formação para professores e de sensibilizar a toda a população no que concerne às potencialidades do surdo.

Ocorreram contradições durante o questionário, mostrando, de certa forma, o desconforto que sentem ao revelar o que de fato acontece em sala. Ao comparar as respostas da

afirmação – “A atuação do professor junto ao aluno surdo fica facilitada a partir do uso de recursos didáticos”, e da questão “A presença de aluno surdo fez com que se utilizasse em sala de aula materiais didáticos? Em caso afirmativo, quais?” –, nos chamou a atenção as respostas de 40 professores que, embora se posicionassem de acordo na primeira questão, ao se defrontarem com a segunda, apenas 30 professores se posicionaram de forma contraditória, ou seja, ainda que o uso dos recursos didáticos facilite a atuação com o aluno surdo, tais recursos não foram utilizados nas aulas.

Além das inconsistências mencionadas, nos deparamos com outras, ao compararmos as respostas individuais dos professores. Por exemplo, na questão: “A presença de aluno surdo fez com que utilizasse em sala de aula materiais didáticos?” um dos 32 professores deu a seguinte resposta: “Não, pois não tive orientações suficientes que me desse esse conhecimento de recursos”. Na questão seguinte perguntamos: “Quais sugestões você daria para o professor trabalhar numa sala de aula que tenha um aluno surdo incluído?” e esse mesmo professor nos sugere que o profissional busque orientações e recursos que lhe deem mais base de trabalho. Em uma outra questão: “Se você fosse escolher entre duas turmas, uma com e outra sem aluno surdo, qual das duas escolheria?” ele respondeu: “Essa condição não mudaria minha postura, pois tentaria fazer o melhor, independente da inclusão”. Já na questão: “Qual o seu olhar sobre o aluno surdo em relação aos outros alunos?” esse professor revela, de forma contundente, que: “Às vezes me sinto impotente por não ter conhecimento suficiente para ajudá-lo”.

Ao analisarmos a opinião desse professor, encontramos uma incongruência: ele não utiliza os recursos que poderiam viabilizar a acessibilidade do aluno surdo, atribuindo a sua formação, mas sugere que outros professores busquem adquiri-la a fim de trabalhar com esses alunos. Afirma ainda que trabalharia com qualquer turma, tendo ou não alunos surdos incluídos, e que faria o melhor trabalho. Por fim, desabafa ao demonstrar o quanto se sente impotente por não dispor de conhecimento suficiente.

Considerando as peculiaridades da surdez, o olhar do professor sobre o aluno surdo incluído possibilitou que um grupo de respostas bem diferentes se apresentasse, como mostra a Tabela 4 abaixo, referente à questão: “Quais sugestões você daria para o professor trabalhar numa sala de aula que tenha um aluno surdo incluído?”

Quadro 4 – Distribuição das categorias das respostas dos professores quanto às sugestões para trabalhar com aluno surdo incluído

Categoria	Nº de professores
Conhecer Libras	6
Ter um olhar diferenciado	16
Trabalhar com o intérprete	6
Buscar formação na área	11
Usar materiais diferenciados	8
Outros	5
Não respondeu	3
Total	55

Fonte: Resultado da pesquisa realizada 2018.

De forma geral, os professores demonstram sensibilidade com a inserção desses alunos, dividindo o grupo com sugestões de diferentes ações em prol da inclusão. Aqueles que afirmaram ser indispensável ter um olhar diferenciado, reconhecem a necessidade de distinguir o aluno surdo dos demais, sugerindo algumas técnicas para lidar com esse aluno, porém isso nem sempre dá certo em virtude das diferenciações em termos de apreensão linguística.

Os professores refletem sobre a surdez através de suas experiências no dia a dia em contato com alunos surdos, reconhecem a necessidade de se utilizar diferentes formas de acessibilidade para que se integrem ao grupo e sugerem um olhar diferenciado para eles.

Observamos o reconhecimento das características específicas da surdez por meio da prática. No entanto, para que alguns caminhos apresentados deem certo, é necessário saber antes se o professor consegue dominar algumas técnicas, como: falar de frente para o aluno sem exagerar nos movimentos labiais; observar sempre a execução dos trabalhos e atividades em sala; ter o cuidado de falar pausadamente e olhar na direção do aluno, ou ainda, falar com boa articulação labial de frente para o aluno; usar sinônimos para explicar as ideias das palavras. Algumas das técnicas explicitadas serão adequadas somente para aqueles alunos que fazem leitura labial e, para estes, o trabalho de sala de aula pode ser suficiente; porém, numa sala com um número considerável de alunos, o professor pode esquecer-se de tais posicionamentos e prejudicar seu aluno surdo.

Cabe ainda acrescentar que o recurso da leitura labial não é desenvolvido por todos os surdos, visto que, para alcançá-lo, é necessário se dispor a um longo treinamento, e nem todos os surdos dispõem dessa habilidade. Embora percebamos a boa vontade e o desejo de se atingir o aluno surdo – exemplificados pela resposta de um professor, “[...] trazer o aluno para perto do quadro (sentar próximo do quadro), sempre perguntar se o aluno está acompanhando,

entendendo a explicação” –, nem sempre ações como essas são suficientes, embora possam auxiliar.

Ao analisar as questões em seu conjunto, os professores tiveram opiniões que, de certa forma, convergiram para um consenso: apresentam dificuldades para trabalhar com o aluno surdo devido à barreira da comunicação e, como apontado por Lima (2013), o desconhecimento da língua de sinais, por grande parte dos professores, faz suscitar a figura do intérprete que, nesse cenário, acaba por assumir a função de conduzir a aprendizagem. Concordam que tais dificuldades se relacionam ao despreparo dos docentes. Reconhecem as peculiaridades linguísticas dos surdos, mas isto não impede o seu desenvolvimento; para isso, os alunos surdos precisam percorrer caminhos diferentes daqueles que seguem os alunos ouvintes.

Outro ponto tocante que a pesquisa revelou e que também foi mencionado por Lima (2013), foi o procedimento dos professores quanto à metodologia de ensino e à utilização de materiais didáticos. Para esse autor, é importante não só a formação inicial, mas também a continuada para que a atuação do professor seja mais bem compreendida, relacionando-a com sua prática didática.

De forma geral, os professores tendem a preparar suas aulas para alunos ouvintes, o que inviabiliza o processo de aprendizagem dos alunos surdos, exceto alguns que buscam apoio com os alunos ouvintes no momento em que utilizam a formação de grupos em sala de aula e o uso de recursos visuais como estratégias. Ainda assim, não é suficiente. Por meio de nossos dados, percebemos o quanto o professor se ressentiu de não ter sido preparado, na sua formação, para lidar com os alunos surdos.

Considerações finais

À luz dos dados coletados e apresentados, é relevante tecer algumas considerações obtidas por meio da pesquisa. Para o professor, figura-chave nesse contexto, percebe-se, em suas respostas, frustrações decorrentes de sua falta de preparo, além do sentimento de impotência numa situação diária.

Apesar de conscientes sobre a importância da inclusão, bem como do desafio, os professores se veem esquecidos e sem respaldo, com alunos surdos e ouvintes em suas salas, contando, por vezes, com a atuação do intérprete e, na falta dele, em desespero a fim de atender o aluno surdo.

Vários são os desafios que envolvem não só os professores, mas toda a comunidade escolar. De que forma ocorrerá uma verdadeira inclusão se grande parte do professorado, de acordo com os dados obtidos, só tem conhecimento da presença do aluno surdo incluído quando ele já está em sala de aula, sem a possibilidade de um preparo prévio?

A presença e a parceria do intérprete com o docente, sem dúvida, são fundamentais, porém não suficientes. Para Braz (2014), um autor que se posiciona favorável à inclusão, há a necessidade de serem repensadas formas de comunicação, além de concepções educacionais com a finalidade de uma inclusão satisfatória da criança surda. Pensar em inclusão de alunos surdos é pensar em todas as possibilidades de dar a ele acessibilidade de comunicação, desde o ponto de vista social até o educacional. A escola tende a uniformizar, seguindo a cultura da padronização, despreparada para acolher esses alunos; não há como ignorá-los se eles existem.

No conjunto, apesar de não terem na sua formação inicial nenhum conhecimento das demandas desse alunado, os professores enquanto profissionais da educação tentam por meios próprios, e com ajuda do intérprete, assegurar a inserção de alunos surdos nesse contexto. No entanto, não é suficiente; não basta que a legislação reconheça a importância da inclusão e da Libras. É necessário que tais implicações provoquem a reestruturação de toda a comunidade escolar, pois os estudos mostram o quanto é necessária uma reflexão aprofundada na formação do professor e na reformulação do espaço escolar.

Eles reconhecem a necessidade de se utilizar de estratégias diferenciadas com os alunos surdos; muitos até se disponibilizaram a formar grupos, solicitando ajuda dos alunos ouvintes, a fim de que houvesse uma interação. Alguns adotaram materiais como figuras, material dourado, régua e compasso, recortes de cartolina, vídeos e até mesmo o próprio corpo como recurso. Descobriram, na prática, que os surdos dispõem de um canal visual-gestual. Por outro lado, alguns mencionaram não utilizar recursos, justificando-se pela falta de formação, ausência de orientação e oferta de uma formação continuada por parte das autoridades educacionais competentes. Percebe-se isso nas falas de professores que suplicam por instrução e preferem não assumir tamanha responsabilidade sem respaldo: “[...] Na verdade, eu também preciso de sugestões. Gostaria muito de passar por um curso de capacitação para trabalhar adequadamente com esses alunos”.

Diante dos resultados encontrados, verificamos a necessidade de integrar a Educação Inclusiva aos currículos de formação de professor, para que eles tenham acesso a estudos de teóricos, materiais didáticos e contato com a realidade das escolas inclusivas. São necessários momentos de reflexão, entrelaçados com possibilidades de atuação nesse contexto.

Destacamos, ainda, a importância do investimento não só em pesquisas, mas também em políticas públicas para que a inclusão seja uma realidade nas escolas de nosso país. Por fim, lembramos o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 56): “A Matemática pode e deve estar ao alcance de todos, e a garantia de sua aprendizagem deve ser meta prioritária do trabalho docente”.

Referências

- BORGES, F. A.; NOGUEIRA, C. M. I. Das palavras aos sinais: o dito e o interpretado nas aulas de Matemática para alunos surdos inclusos. **Perspectivas da Educação Matemática**. Campo Grande, v. 9, n. 20, p. 479-500. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei nº 10098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- BRAZ, A.T.M. Libras: uma ferramenta de inclusão escolar e socialização para os surdos. **Petrópolis. Revista virtual de cultura surda**. Petrópolis, n° 12, p.1-10, jan. 2014.
- CAMISÃO, I. F. F. **Percepções dos professores do Ensino Básico acerca da Inclusão Educativa de alunos com Necessidades Educativas Especiais**. 2008. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Minho, Minho, Portugal, 2004.
- IACHINSKI, L. et al. A inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura: visão do futuro docente. **Audiology - Communication Research**. São Paulo, v. 24, e2070, mar 2019.
- LIMA, D. M. R. de. Ensino de Biologia para alunos com surdez: uma análise da prática pedagógica docente. **Revista virtual de cultura surda**. Petrópolis. n° 1, p. 1-15, jun. 2013.
- MANRIQUE, A.L. A formação de professores que ensinam matemática e a educação especial. **Ensino da Matemática em Debate**, São Paulo, v. 1, p. 1-9, 2014.
- MANRIQUE, A. L. et al. **Desafios para a Educação Inclusiva**: pensando a formação de professores sobre os processos de domínio da matemática nas séries iniciais da educação básica. Projeto aprovado no Programa Observatório da Educação, Capes, Edital 2010.
- MANRIQUE, A. L. et al.. Dispositivos assistivos para escolas públicas: uma proposta de implementação. In: CONGRESSO BRASILEIRO EM ENGENHARIA BIOMÉDICA, 23., 2012, Porto de Galinhas. **Anais**. [...]. Porto de Galinhas: Sociedade Brasileira de Engenharia Biomédica, 2012. p. 1-5.

MOREIRA, G. E. **Representações sociais de professoras e professores que ensinam Matemática sobre o fenômeno da deficiência.** 2012. 202f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

MORGADO, A. S. **Ensino da Matemática:** práticas pedagógicas para a Educação Inclusiva. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

PINTO, G. **O intérprete educacional de libras nas aulas de matemática.** 2018. 211f. Tese (Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, J. A. da. **As percepções e reflexões do professor que ensina Matemática sobre a inclusão do aluno surdo na rede regular de ensino.** 2018. 116f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

Recebido em: 29 de abril de 2019.

Aprovado em: 26 de setembro de 2019.